

CELINA DIAS AZEVEDO  
ORG.

# VELHICES

PERSPECTIVAS E CENÁRIO  
ATUAL NA PESQUISA  
IDOSOS NO BRASIL

**“A DOR DA  
GENTE NOVA”  
GENTE NOVA**

**A RETÓRICA  
NEOLIBERAL EM  
NOTÍCIAS SOBRE  
VACINAÇÃO DE  
IDOSOS CONTRA  
COVID-19**

**VALMIR  
MORATELLI**

**TATIANA  
SICILIANO**

Ninguém notou  
Ninguém morou na dor que era o seu mal  
A dor da gente não sai no jornal.

CHICO BUARQUE, "NOTÍCIA DE JORNAL"

"Não é o coronavírus que mata os velhinhos, essas pessoas já estão debilitadas". O presidente Jair Bolsonaro, em março de 2020 – com então 65 anos, prestes a completar 66 – assim tentou minimizar o alerta da pandemia, contrário às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e de líderes de nações que já estavam com sistemas de saúde em colapso. A consequência por se subestimar o impacto da covid-19 (ou novo coronavírus ou Sars-CoV-2) se revela pelos números de vítimas fatais atualizados diariamente<sup>2</sup>. O apelo médico para que se mantivesse isolamento social tinha como objetivo evitar propagação do vírus em grande escala, a fim de não sobrecarregar o historicamente frágil sistema de saúde no Brasil.

Já nos primeiros meses de pandemia, os desafios da saúde pública e consequências econômicas da covid-19 evidenciaram a exposição a que os idosos<sup>3</sup> são submetidos na política neoliberal. A pandemia, além de reforçar sua fragilidade na cena pública, incluindo-os como "grupo de risco"<sup>4</sup>, trouxe o debate de sua importância para o sustento dos lares e de suas aspirações como grupo heterogêneo.

Faz-se lembrar que o termo "grupo de risco", de origem médica, surgiu no final dos anos 1980 para designar possíveis vítimas da epidemia de HIV/AIDS. Inicialmente, o Centro de Controle de Doenças dos EUA definiu como pertencentes ao grupo os gays, hemofílicos, haitianos e usuários de drogas. A socióloga Simone Dourado (2020, p. 156) lembra que a nomenclatura foi criticada por vários pesquisadores, pontuando as "dificuldades de operar com esse termo para falar sobre processos em curso no avanço do vírus HIV, que

1 Mais em: <https://revistaforum.com.br/coronavirus/bolsonaro-insulta-italianos-que-respondem-fascista-sexista-homofobico-e-alem-disso-vulgar/>. Revista *Fórum*. Publicada em 19 mar. 2020.

2 O Brasil ultrapassou a marca de 650 mil mortes em março de 2022.

3 Para fins metodológicos, consideramos idoso o indivíduo a partir dos 60 anos – como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), seguindo diretrizes da OMS. Em 2020, o IBGE contabilizara 32 milhões de idosos, com previsão de aumentar para 67 milhões em 30 anos.

4 São considerados grupo de risco, além dos idosos: portadores de doenças crônicas (diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica), fumantes, gestantes, puérperas.

pode ser transmitido pelo sangue, sêmen, secreção vaginal e leite materno”. Em correlação contemporânea a isso, recorda-se que, diante de uma série de incertezas da população sobre a eficácia da vacina, Bolsonaro associou a vacinação contra covid-19 a um risco de se desenvolver AIDS<sup>5</sup>. Essa relação, que não existe, foi feita em uma transmissão nas redes sociais em 2021.

Além do descrédito na ciência, isso acontece em meio a um perigoso retorno da imagem de que o idoso é o velho que pode ser descartado, um ser improdutivo, um peso para o estado, a sociedade e as famílias (DOURADO, 2020). Recorre-se ao conceito de “estigma”, trabalhado por Erving Goffman ([1963] 2008), para problematizar essas classificações. O sociólogo canadense explica que desde a Grécia Antiga se busca conhecimento de recursos visuais para se referir a sinais corporais com os quais se evidenciam diferenciações. Goffman (2008, p. 6-8) utiliza estigma em referência a “atributo profundamente depreciativo”, o que origina “vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: construímos uma teoria do estigma”. Isso explica níveis de inferioridade imputados a outrem.

Neste artigo, o objetivo é compreender como a pandemia que assolaria o mundo desde 2020 provoca repercussões significativas à população idosa, em especial a brasileira. Se por um lado a emergência sanitária expôs a importância de um sistema de saúde universal, por outro descortinou o desafio de se compreender como a gerontofobia – aqui também chamada de etarismo – se consolida no discurso público, naturalizando uma ordem social que desqualifica e invisibiliza os idosos. Como metodologia, analisa-se as reportagens publicadas pelo jornal carioca *O Globo* no período de janeiro de 2021, mês em que se inicia a vacinação do primeiro grupo de idosos no país, até janeiro de 2022, quando se inicia a vacinação em crianças.

A escolha do jornal é baseada nos dados da Comscore, referência na análise do tráfego de conteúdo na internet, que mostram o site de *O Globo* na liderança de visitas únicas em 2021, com média de 27,6 milhões acessos por mês<sup>6</sup>. Além disso, reforça-se a compreensão de um jornal como “um

5 Mais em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/03/pf-quer-cooperacao-internacional-em-inquerito-que-apura-mentira-de-bolsonaro-ao-relacionar-vacina-contracovid-a-aids.ghtml>. Site *G1*. Publicado em 3 mar. 2022.

6 A *Folha de S. Paulo* teve média de 22,5 milhões, e *O Estado de S. Paulo*, 10,7 milhões. Mais em: <https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-encerra-2021-como-maior-jornal-do-pais-25328320>. Publicado em 22 dez. 2021.

espaço de sociabilidade”, nas palavras da historiadora Tania de Luca, como “empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores” (2005, p. 140). Além de aglutinar opiniões, os periódicos fornecem “capital simbólico fundamental para os meios de comunicação”, pois, conforme Marialva Barbosa (2010, p. 29), transformam o presente em “passado memorável”, atuando como “testemunha ocular da história” e, assim, se constroem “como produtores da própria história”, capazes de produzir sentidos que transcendem sua existência material.

No intervalo de um ano, já com o afrouxamento do distanciamento social imposto pela necessidade de proteção contra contaminação pela covid-19, as pessoas idosas foram alvo de discussões públicas sobre a necessidade de gastos com sua vacinação, além da prioridade na campanha de imunização nacional. Neste recorte, pretende-se expor como o discurso neoliberal vigente reforça valores calcados em produtividade de mercado.

Sob a égide da sociedade capitalista moderna, “a formação dos indivíduos pode ser pensada de modo associado à reprodução social como a reposição das relações de produção, que são ao mesmo tempo relações de dominação política e de exploração econômica” (PINHO, 2005, p. 137). Geógrafo e pesquisador de economia urbana, o britânico Jamie Peck (2010) orienta para pensarmos, inicialmente, o neoliberalismo como condição histórica, antes de constatá-lo como realidade. Se desde a implantação dos modelos de privatizações, nos anos 1990, o país pôs na prática o fascínio pela gestão privada, há de se compreender o projeto vindouro a partir da gestão bolsonarista [2019-2022], cuja base reacionária relativiza a democracia e os direitos humanos, estabelecendo o Estado conservador no viés ideológico-religioso, mas ultraliberal na gestão social.

Busca-se, assim, inserir o trabalho numa perspectiva interdisciplinar, que possa render desdobramentos para futuras pesquisas, articulando interfaces entre estudos de jornalismo, representações sociais e gerontologia.

## GOVERNAMENTABILIDADE

A relação de proximidade entre velhos e doentes é recorrente há séculos. Em *O processo civilizador*, Norbert Elias (1994, p. 106) relata que, no fim do reinado de Luis XV, em 1774 – em meio a um anseio de reforma e intensificado como sinal externo das mudanças sociais, o conceito de “civilização” passa

pelas alterações de comportamento aplicado a numerosas funções corporais. Elias cita como exemplo um trabalho anônimo, *La Civilite honete [sic] pour les enfants* [supostamente de 1780], no qual se diz:

Em seguida, ele colocará o guardanapo sobre o corpo, o pão à esquerda e a faca à direita, a fim de cortar a carne sem despedaçá-la [...] arrancar pedaços de carne é considerado hábito rústico e cortá-la, evidentemente, maneira urbana. Ele também tomará cuidado para não pôr a faca na boca. Não deve deixar as mãos em cima do prato... nem pôr os cotovelos sobre ele, porque isto só é feito pelos velhos e pelos doentes. (ELIAS, 1994, p.107)

Entender o indivíduo velho como doente é, portanto, uma prática anterior ao capitalismo. Mas é com a Revolução Industrial e o advento de novas formas de produção, no século seguinte, que as hierarquias sociais são estabelecidas de acordo com o que cada grupo pode oferecer para a manutenção de um sistema calcado no lucro e acúmulo de riquezas. O indivíduo velho foi, em diversas sociedades e em diferentes momentos, subjugado e depreciado. Mas ao se tornar uma categoria homogeneizada na Modernidade, a velhice passa a ser alvo de controle, ou ainda um depósito de tudo que é descartável nos moldes atuais de produção.

Conforme Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, original de 1848 (2005, s/p), numa crítica à Modernidade, “tudo o que era sólido desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar friamente sua posição social e suas relações mútuas”. Os projetos, ações coletivas e a coordenação entre as políticas de vida conduzidas por ações de coletividades humanas dão lugar agora à exacerbação de um individualismo calcado no lucro particular e na obtenção de garantias privadas.

A exacerbação e aprofundamento desse sistema ao longo de todo o século passado levaria o Ocidente a um modelo que atualmente concentra riqueza em grandes grupos empresariais de atuação multinacional, superiores à gestão hegemônica do Estado. Recorrendo a Gilles Lipovetsky (2004), em sociedades de modernidade tardia, ou em países de industrialização recente, o incentivo cada vez maior para que a iniciativa privada aja como

regente social numa falsa sensação de liberdade mingua os sistemas sociais à medida que o indivíduo já não é inserido na lógica de existência.

A época ultramoderna vê desenvolver-se o domínio técnico sobre o espaço-tempo, mas declinarem as forças interiores do indivíduo. Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é cambiante, mais surgem manifestações de esgotamentos e “panes” subjetivas. (LIPOVETSKY, 2004, p. 84)

É este sistema que não admitiria facilmente os apelos sanitários para o *lock-down* – confinamento, em tradução livre. Antes de 2020, a economia brasileira já vinha apresentando tímido crescimento. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1,1% em 2019, primeiro ano do governo Bolsonaro, segundo o IBGE. Com a pandemia, a economia no país acompanhou o ritmo planetário de desaceleração. Logo seriam sentidas as consequências econômicas da ruptura abrupta de livre circulação de pessoas: desemprego em curva ascendente, menor arrecadação de impostos, queda na receita das empresas.

Para pensarmos a construção identitária da categoria “idoso” no contexto da pandemia, faz-se necessário trazer algumas falas de pessoas públicas e autoridades políticas do período em questão. Declaração atribuída a Solange Vieira, então superintendente da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), aliada do então ministro da Economia, Paulo Guedes – na época com 70 anos – durante reunião de equipe em maio de 2020, dá a entender uma defesa da morte de idosos pela covid-19. A seu ver, seria positiva para diminuir gastos de previdência social: “É bom que as mortes se concentrem entre os idosos. Isso vai melhorar nosso desempenho econômico, reduzirá nosso déficit previdenciário”.

Ainda nas primeiras semanas de março de 2020, o empresário e apresentador de TV Roberto Justus, então com 64 anos, teve um áudio vazado na internet, no qual conversava com amigos num grupo de whatsapp. Dizia:

7 Mais em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,morte-de-idosos-por-covid-19-melhora-contas-da-previdencia-teria-dito-chefe-da-susep,70003317874>. *O Estado de S. Paulo*. Publicada em 28 maio 2020.

Quem entende um pouco de estatística, que parece que não é o seu caso, vai perceber que é irrisório. E dos que morrem, dos velhinhos, só 10 a 15% deles morrem [...]. Na favela não vai matar ninguém. Vai matar só velhinho e gente doente. [...] Então, assim, isso não é grave. Grave é o que vai acontecer com o mundo agora, com uma recessão nunca antes vista na História.<sup>8</sup>

No mesmo período, Júnior Durski, empresário curitibano do ramo de restaurantes, então com 56 anos, publicou vídeo nas redes sociais afirmando que o Brasil não poderia parar por causa do novo coronavírus: “Não podemos (parar) por conta de 5 mil ou 7 mil pessoas. [...] Não pode simplesmente os infectologistas decidirem que todo mudo tem que parar, independente das consequências gravíssimas que vai ter na economia”<sup>9</sup>.

Conforme os exemplos acima, apoiados pelo que dissera o presidente da República mais de uma vez, os idosos não deveriam ser alvo de preocupação da sociedade. Na lógica racional do lucro capitalista, minimiza-se morte de idosos em detrimento das consequências de se abster de atividades econômicas e da circulação de bens e pessoas. Tais declarações, que exacerbam a impiedade de um sistema calcado na concentração do lucro, reforçam o estigma de que idoso é um ser frágil e em declínio físico e mental, incapacitado de atividades individuais, desprovido de propósitos sociopolíticos e, assim, desmerecedor de assistência em momento de fragilidade econômica e grave crise global. Contudo, é curioso notar que muitos dos “donos do poder” que propagam o discurso sobre a improdutividade dos velhos e, por isso, sua “inutilidade social”, ou estejam próximos a faixa etária considerada idosa pela OMS ou já tenham ultrapassado, alguns há bastante tempo, a marca dos 60 anos. Por que os velhos são alvo de preconceito por pessoas da mesma faixa etária? Os velhos, nesse caso, de quem detém o poder são os outros, os frágeis, os renegados, os descartáveis. Falar deles é tentar esconder sua própria condição de incerteza. Quando saírem do jogo político, como serão

<sup>8</sup> Transcrição do áudio em: <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2020/03/marcos-mion-se-pronuncia-sobre-polemica-de-audio-de-roberto-justus-sobre-coronavirus-alguem-vacilou-muito-e-nao-assumi-eu-nao-vazei-nada.html>. *O Globo*. Publicada em 24 mar. 2020.

<sup>9</sup> Mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/consequencias-economicas-serao-maiores-do-que-5-ou-7-mil-que-vao-morrer-diz-dono-do-madero.shtml>. *Folha de S.Paulo*. Publicada em 23 mar. 2020.

denominados pelos outros que vierem a ocupar tais posições? Questões que tornam tais pronunciamentos sociologicamente importantes para serem discutidos.

Michel Foucault (2008) cita o termo “governamentabilidade” para explicar a habilidade neoliberal em controlar ação das pessoas num processo de disciplinarização social. O ato de governar é entendido em duas esferas: “no campo macroestrutural e no campo das subjetividades” (FONSECA e SILVA, 2020, p. 62). No primeiro, o neoliberalismo se apodera do aparato político de Estado, para garantir manutenção das hierarquias vigentes. No segundo, a alteração se dá na mudança de pensamento do indivíduo, que agora se posiciona na condição de empreendedor de si mesmo, na ideia de cuidar de própria governança. E os que assim não conseguem são rotulados como improdutivos e, portanto, descartáveis, não importando a sua contribuição afetiva para a coesão social ou mesmo financeira no passado.

O peso de decisão política dada ao mercado vigora com entusiasmo, quebrando laços de humanismo que, por ventura, ainda resistiam. Em *É hora de mudarmos de via*, o sociólogo francês Edgar Morin (2020) lembra que “o humanismo trazia em si a ideia de progresso e era trazido por ela [...]. [Essa ideia] chegou a propagar-se no mundo, apesar dos terríveis desmentidos dos totalitarismos e das guerras mundiais do século XX” (2020, p. 90). Entretanto, os retrocessos nacionalistas, o recrudescimento de vários tipos de preconceito (como racismo, xenofobia, etarismo) e a “primazia do interesse econômico promoveram uma crise neste modelo de pensamento” (2020, p. 42). Morin enumera, entre vários fatores, que o “desenvolvimento das produções, das trocas e das comunicações provocou a mercantilização generalizada [...], destruindo assim numerosos tecidos de convivialidade” (2020, p. 73).

## ECONOMICAMENTE ATIVOS

Com base nos dados disponíveis na segunda edição da pesquisa *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*<sup>10</sup>, realizada em 2020, uma parceria entre Sesc-SP e Fundação Perseu Abramo, constata-se que, do total de 2369 entrevistas com idosos (a partir de 60 anos), a maioria afirma que se chega à velhice “após os 50 anos” (91%), outros 67% por “falta de saúde

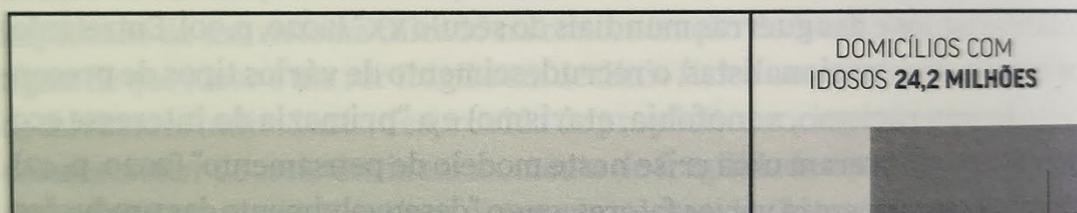
10 Dados disponibilizados pela Fundação Perseu Abramo em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2020/08/Pesquisa-Idosos-II-Completa-v2.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

ou surgimento de debilidades físicas”, 30% “quando começa a depender de outros física e emocionalmente”, 20% “quando começa a se sentir indisposto para as atividades”, 9% “por exclusão no mercado de trabalho”, 7% “por começar a viver do passado”, 5% por “desânimo emocional ou tristeza”.

O interessante é que mesmo com os sentimentos de dependência e menos vigor físico e emocional, quase 7 em cada 10 (68%) dos idosos entrevistados se declaram responsáveis pelo domicílio, sendo que 80% deles são homens. Esses dados são interessantes para reforçar a importância econômica e ativa dessa parcela populacional, negligenciada no contexto contemporâneo, conforme já exposto. Outro estudo, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mostra que em 20,6% dos 71 milhões de domicílios brasileiros os recursos de idosos representam uma média de 90,1% do orçamento familiar (gráfico 1). Isso significa quase 15 milhões de lares dependentes de idosos, onde residem 30,6 milhões de pessoas, sendo 2,1 milhões de crianças e adolescentes.

## GRÁFICO 1: PARTICIPAÇÃO DE IDOSOS NA RENDA FAMILIAR

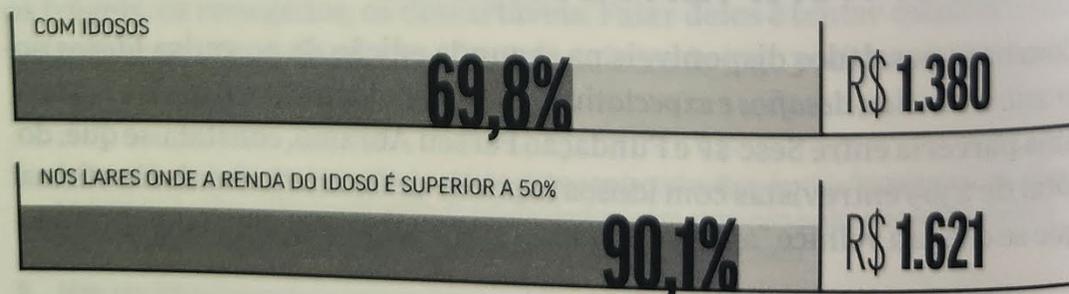
TOTAL DE DOMICÍLIOS **71,3 MILHÕES**



DOMICÍLIOS NOS QUAIS A RENDA DOS IDOSOS REPRESENTA 50% DO TOTAL **14,7 MILHÕES OU 20,6%**

PARCELA DA RENDA NOS DOMICÍLIOS

RENDA MÉDIA PER CAPITA



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).  
Reprodução da arte de *O Globo*, publicado em 25/05/2020.

Retomando a discussão inicial, o corpo envelhecido atuante nas decisões públicas é uma possibilidade de resposta a um sistema que só admite agilidade e destreza como valores da juventude. Pensar o futuro não pode ser o extremo oposto de se cuidar do passado no tempo presente. Dessa forma, cabe ao progresso a resolução de pendências, como ele também é culpabilizado pela desordem em diferentes esferas.

O desapontamento com o futuro já aparece no século XXI como sinônimo de nossa era. As mudanças climáticas e devastação de biomas, a acentuação de desigualdades, o avanço tecnológico em áreas tradicionais, a falta de maior incentivo ao consumo consciente, o poderio do capital especulativo, a precarização do trabalho, a desvalorização dos mais velhos, entre outros, são parte da arbitrariedade do tempo presente, em nome de benfeitorias a serem usufruídas em um incerto futuro.

Nesta condição, a antropóloga Guida Debert (1998, p. 253) propõe diálogo da gerontologia com diferentes campos das ciências de saúde e sociais, ao indagar “como conciliar a reinvenção da velhice bem-sucedida com a facticidade do declínio biológico e do espectro terrificante do prelúdio da morte social”. Pensar uma velhice que seja oposta a esse paradigma desumano é uma forma de combater o etarismo na prática, porém é preciso ir além. A visão sobre os idosos passa por uma reinterpretação de sua utilidade, pois, neste pensamento capital, para existir é preciso ser útil.

A começar pela interpretação de aposentadoria, entendida muitas vezes como um “fardo social”, já que os idosos nada produzem na lógica neoliberal, logo são alvos consequentes do argumento que contraria o exercício prático desse grupo estigmatizado. Sabe-se que a previdência social foi sofrendo mudanças constitucionais ao longo de diferentes governos. A mais recente foi aprovada em fevereiro de 2019, no governo Jair Bolsonaro [2019-2022]. Entre outros pontos, estabelece idade mínima para se aposentar de 65 anos aos homens e 62 anos às mulheres, equivalendo à média de países desenvolvidos e em processo de envelhecimento anterior ao nosso.

Novamente com dados da pesquisa *Idosos no Brasil*, percebe-se como a questão econômica corrobora a possibilidade de se entender a velhice numa categoria de poder econômico. Dos entrevistados, 95% dos idosos têm alguma fonte de renda, sendo: 33% aposentadoria por idade; 24% recebem aposentadoria por tempo de serviço; 17% por trabalho remunerado; e 10% pensão por morte. Sua rejeição, portanto, não está na insuficiência de renda, mas no estigma social perpetuado para hierarquizá-lo.

A pandemia de covid-19 apenas realça a visão distorcida de que pessoas mais velhas não teriam utilidade, logo podem ser descartadas ou abandonadas à própria sorte – como demonstrado nos depoimentos já citados. Esta explanação de números é necessária para contra-argumentar o que se costuma sugerir dos grupos de idosos, de que são grupos economicamente desprezíveis para o mercado.

Na prática, a sociedade tende a repetir modelos preconcebidos de uma representação focada numa vulnerabilidade e homogeneidade da velhice. Como forma de averiguação, traremos a seguir um estudo de caso no qual se pesquisa as narrativas midiáticas durante a pandemia de covid-19.

## ESTUDO DE CASO

Antes do período de análise aqui em questão, no primeiro ano da pandemia portanto, as reportagens já davam o teor que seria utilizado quanto aos idosos nos meses subsequentes. Ainda sem vacinação no país, quando os casos de óbitos eram alarmantes, *O Globo* noticiou: “Vacina de Oxford oferece esperança para idosos, aponta novo estudo” (26/10/2020); “O luto dos cuidadores de idosos: como enfrentar a despedida sem culpa e as fases do doloroso processo” (11/11/2020); e “Prefeito eleito, Eduardo Paes apela para que idosos não saiam às ruas” (13/12/2020). Em diferentes meses, foi possível perceber como os idosos eram tidos como único foco da doença, segundo as reportagens, expondo sua vulnerabilidade, sobretudo carecendo de cuidados e atenção redobrada. Portanto, seriam eles o alvo de uma possível e esperançosa vacina.

É importante frisar, mais uma vez, que, além dos idosos, foram classificados como “grupos de risco” da pandemia os portadores de doenças crônicas (como diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica), fumantes, gestantes, puérperas e obesos. Desses, apenas uma única matéria de *O Globo* ponderou outro grupo como de “risco” além dos idosos: “Obesidade é fator de risco tão importante quanto ser idoso para agravamento e morte pela doença” (17/09/2020). No aspecto político, do mesmo período, destacamos: “Contra OMS, grupo de cientistas pede isolamento só para idosos”, uma reportagem sobre um manifesto que defendia que jovens deveriam ser liberados de *lockdown* para a “vida normal”, forçando imunidade de rebanho; documento foi assinado em centro de pesquisa econômica

liberal nos Estados Unidos, ainda sob gestão de Donald Trump, com o qual o presidente brasileiro era alinhado ideologicamente.

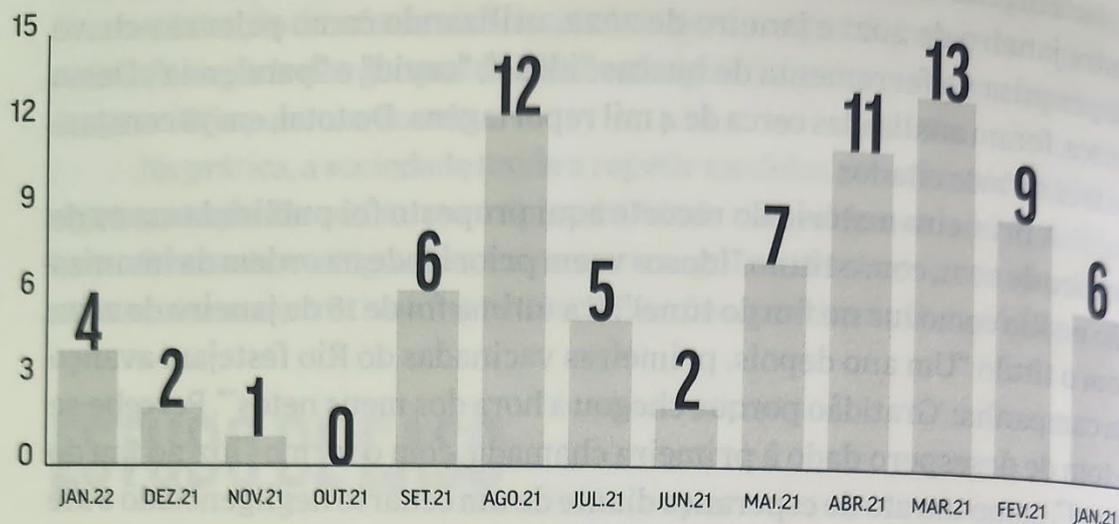
Foi feito um levantamento de matérias publicadas no jornal *O Globo* entre janeiro de 2021 e janeiro de 2022, utilizando como palavras-chave de pesquisa na ferramenta de buscas “idoso”, “covid” e “pandemia”. Dessa busca, foram analisadas cerca de 4 mil reportagens. Do total, em 78 constam os três termos citados.

A primeira matéria do recorte aqui proposto foi publicada em 07 de janeiro de 2021, com o título “Idosos veem prioridade na ordem da imunização no Rio como luz no fim do túnel”. E a última foi de 18 de janeiro de 2022, com o título “Um ano depois, primeiras vacinadas do Rio festejam avanço da campanha: ‘Gratidão porque chegou a hora dos meus netos’”. Percebe-se o tom de desespero dado à primeira chamada, com o termo “luz no fim do túnel”, como um ato de esperança diante de um cenário negligenciado e até então sem perspectivas, com tantos atrasos para o começo da vacinação no país. Nesta matéria, foi trazido o depoimento das irmãs Cleusa, de 79 anos, e Edinha, de 80 anos, sobre “como tem sido a espera pelo início da vacinação contra covid-19”. Já na reportagem mais recente, com o primeiro aniversário da aplicação das doses na cidade do Rio, “as primeiras imunizadas contam as mudanças experimentadas” em suas vidas, além de festejarem pela possibilidade de estender a proteção aos netos.

Em posse das 78 reportagens analisadas contendo as palavras “idoso”, “covid” e “pandemia”, percebemos a periodicidade em que mais apareceram (gráfico 2). Constam os meses de março, abril e agosto de 2021 como os de maior incidência, tendo ao todo 13, 11 e 12 publicações respectivamente. Outubro de 2021 foi o único mês em que não se constatou nenhuma publicação com os termos, e os dois meses posteriores tiveram os menores índices: novembro, uma matéria; e dezembro, duas. Em janeiro de 2022, o número de matérias volta a subir para quatro.

## GRÁFICO 2: ANÁLISE DE REPORTAGENS

IDOSOS EM REPORTAGENS DE O GLOBO (Nº DE MATÉRIAS)



Fonte: Gráfico elaborado a partir do jornal *O Globo*.

O início da vacinação em idosos no país ocorreu em 17 de janeiro de 2021. Percebe-se, desse modo, uma ascensão de publicações nos primeiros três meses do ano. Conforme a vacinação avança de acordo com as faixas etárias, o número de publicações tende a cair, voltando a se elevar de forma substancial em agosto daquele ano. Isso pode ser explicado pelo número crescente de novos casos de infectados, além da discussão sobre a necessidade de uma terceira dose da vacina aos idosos, antes mesmo que se começasse a aplicação em grupos de adolescentes. Entre as matérias, constam: “Idosos devem todos ser vacinados contra covid-19 antes de adolescentes no Brasil, alertam cientistas” (05/08/2021); “Com mortes de idosos em alta, número de internações de maiores de 80 anos chega ao maior patamar da pandemia no Rio, estima Fiocruz” (14/08/2021); e “Vacinar idosos com terceira dose ou seguir com adolescentes? Próximos passos da vacinação dividem especialistas” (20/08/2021).

Se toda a construção de vulnerabilidade dos indivíduos velhos, logo indefesos e propensos à morte, é baseada em dados numéricos de internação e óbitos da primeira onda de pandemia, por que então precisaria ser cogitada uma vacinação de adolescentes anterior aos idosos? A hipótese é a de que estaria aqui mais uma explícita demonstração de como o descarte de idosos é cogitado na naturalidade do debate público, isso porque essa simples ponderação já suscita questionamento acerca do cuidado e da valorização de pessoas mais velhas. As reportagens também chamam a atenção para

números ainda altos na ocasião para idosos sem as duas doses da vacina naquele mês: “No grupo de 60 a 65 anos, taxa é de 39%, e entre cinquentenários é de 86%” (05/08/2021).

O bom resultado da vacinação é constatado pela escassez de matérias entre outubro e dezembro. Já em 28/09 foi noticiado: “Ministério da Saúde anuncia dose de reforço da vacina para pessoas acima de 60 anos” e, quase dois meses depois, “Levantamento mostra queda na idade média dos internados no Rio por covid-19 após doses de reforço em idosos” (16/11/2021). Os efeitos positivos da terceira dose da vacina se explicam, nesta análise jornalística, na ausência ou escassez das reportagens, visto que o foco noticioso está no sentido alarmante da crise pandêmica, quando há maiores registros de óbitos e atraso na vacinação.

Em matéria publicada no dia 04/02/2021, há uma defesa de que pessoas próximas ao convívio de idosos sejam imunizadas imediatamente: “FIOCRUZ defende inclusão de pessoas que cuidam de idosos na fila da vacinação”. A matéria levanta dados de que quase 40% dos familiares e cuidadores sofrem de doenças crônicas que são riscos para o contágio pelo vírus. Outra reportagem chama a atenção para a queda de expectativa de vida do brasileiro, fazendo o país retornar ao índice observado em 2013, um dos efeitos do alto número de mortes: “Pandemia fez brasileiro perder quase 2 anos na expectativa de vida ao nascer, mostra estudo da Universidade Harvard” (10/04/2021).

Está numa matéria do dia 5 de fevereiro de 2021 a demonstração de estereótipos que constroem e perpetuam a ideia de que a velhice não condiz com valores modernos – ligados à tecnologia, por exemplo. Diz a chamada: “Vacina boa é para ser compartilhada: idosos viram os mais novos ‘influencers’ no Rio”. E no texto, consta: “Mesmo longe da vida virtual, eles ganharam o protagonismo das redes sociais no início da campanha de imunização”. A matéria realça a quantidade de postagens em redes sociais de pessoas idosas se vacinando, mas reforça que estas não condizem com o espaço agora ocupado por elas. É uma temática que estaria no lugar errado, o que reforça o etarismo disfarçado no pensamento que perpetua o distanciamento entre idosos e tecnologia.

É a partir de abril de 2021, portanto quando se percebe a desaceleração de publicações, conforme gráfico anterior, que se constata o chamado rejuvenescimento da pandemia – o número de internações e óbitos se concentra na população anterior à idosa, na faixa entre 40-60 anos. Há então matérias como “Rejuvenescimento da pandemia avança no Brasil, aponta FIOCRUZ” (23/04/2021); “Pesquisador alerta: ‘É um mito que a covid-19 só é grave entre

idosos” (16/04/2021) e “Idosos já não são maioria nos leitos para covid-19 da cidade do Rio” (12/06/2021). Esta última tem como subtítulo a explicação de que, por causa da vacinação, segmento da população mais vulnerável ao vírus corresponde a 37,1% do total de internações pela doença em junho. Ou seja, por mais que traga a informação de que os idosos já não são os mais afetados pela pandemia, frisa que esse grupo é o mais vulnerável ao vírus. A construção como grupo de vulnerabilidade se reforça mesmo quando a vacinação entre eles está acelerada e o número de casos em baixa.

Em 12/06/2021, uma matéria traz como chamada “Jovens profissionais de saúde iniciam a carreira no ‘front’ da pandemia”, num relato de histórias de médicos iniciantes na carreira. O texto cita “cerca de 24 mil médicos recém-formados”, mas em nenhum momento traz a idade média desses profissionais. É a comprovação discursiva de que a juventude (“jovens profissionais”) atuam na linha de frente do combate à covid-19, a favor da ajuda aos mais idosos, esses sempre postos como vítimas passivas da realidade. Não há qualquer menção a médicos idosos que trabalham incessantemente na linha de frente.

Antes da aplicação da terceira dose, uma matéria em tom alarmista noticia: “Mortes em UTIs de covid-19 caem 89%, mas internação de idosos volta a subir, e médicos temem nova sobrecarga”. Observa-se como a internação de idosos é uma preocupação para a sobrecarga em hospitais, que podem não ter leitos para outras doenças.

Ao se associar “idoso”, “covid” e “pandemia” nos textos jornalísticos, esta pesquisa chega a alguns apontamentos: (i) o idoso é tido como uma categoria generalizada, sem distinção de cor, gênero e classe social; (ii) a velhice é um estágio que precisa de atenção redobrada, o que apenas reforça o caráter de vulnerabilidade empregado a ela; (iii) a fragilidade do idoso está sustentada pela retórica da perda, pela proximidade com a morte e, por fim, pela inutilidade no sistema neoliberal.

Não há qualquer distinção, entre as matérias do recorte proposto, a este grupo chamado de “idosos”. Não se questiona quem são, como vivem, de onde se fala quando há aumento/diminuição de óbitos. “Idoso” é uma categoria fixa e consolidada no discurso midiático, para organizar noções que remetam a um só alvo central das pautas acerca da covid-19.

Essa fragilidade é encontrada no teor das reportagens, mas sobretudo num processo de homogeneização da categoria etária. A organização da campanha vacinal por faixas etárias possibilita entender como o fator da idade é determinante para se estigmatizar num grupamento hierárquico os

sujeitos mais ou menos dispostos a enfrentar as adversidades pandêmicas. Num primeiro momento, o discurso pode ser de cuidado e zelo, mas também permite uma leitura dos valores impostos a esse grupo, ainda que tão diverso: fragilidade, vulnerabilidade e fraqueza.

Nesta reflexão sobre o envelhecimento em cenário devastador trazido pela pandemia, observa-se, por fim, a tentativa de estabelecer um discurso que tende a fazer uso de duas estratégias: a que mobiliza uma crítica à percepção da velhice; e a que diz respeito ao reforço de normas de comportamento associadas à idade, tendo em vista diferentes faixas etárias subsumidas na categorização tão amorfa quanto imprecisa da velhice. Ou seja, tudo que é denominado como velho precisa ser combatido. Característica inclusive do *ethos* moderno, na qual – como sublinha o crítico literário mexicano Octavio Paz em *Os filhos do barro* – vivemos uma tradição de ruptura, onde o passado é sempre suplantado pela ideia de futuro e o novo preferível ao antigo. Ou seja, tudo se torna “prematuramente envelhecido” (PAZ, 1984, p. 22).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na vida social, qualquer interação é estabelecida por predefinição de hierarquias, funções e expectativas entre envolvidos. Cada interação social se estabelece de acordo com expectativas estabelecidas entre si, de maneira consciente ou não. Aos idosos não é permitida uma interação participativa de forma ativa na tomada de decisões, pois não lhes cabe lugar na produtividade neoliberal. Dos processos que constroem o sujeito envelhecido no Brasil, há intensificação de práticas efetivadas pelas políticas públicas desde a redemocratização. Entretanto, o cenário pandêmico iniciado em março de 2020 evidenciou a prática do etarismo no discurso público.

As condições sociais contemporâneas não asseguram lugar de direito ao idoso; mas o diminuem, provocando invisibilidade ao alocá-lo de imediato num estágio ultrapassado. Este artigo analisou a construção dessa ideia de “idoso” em reportagens publicadas no período de janeiro de 2021 a janeiro de 2022 no jornal *O Globo*. Como algumas constatações, evidencia-se que as

classificações forçam uma homogeneidade aparente, mas na verdade excludentes; além da manutenção de uma narrativa que expõe a vulnerabilidade como característica primordial desse grupo social.

A epígrafe que abre o presente texto, trecho de uma letra de Chico Buarque que também empresta verso ao título, ajuda a elucidar a discussão proposta. Por mais que a mídia tenha papel necessário no estímulo à vacinação e no combate a *fakenews* contrárias à ciência, ela não dá conta de acolher toda a diversidade que compreende o envelhecimento humano. Não traz a dor do envelhecimento em uma cultura em que a velhice é valorada como negativa e o novo sempre celebrado. Por fim, e não menos necessária constatação, ao tardar o combate à pandemia, a gestão federal reforçou a naturalização do etarismo. “A dor da gente não sai no jornal”.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. “Múltiplas formas de contar uma história”. Revista *Alceu*. v. 10, n.2, p. 25-40, jan./jun. 2010. Disponível em: [http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20\\_Barbosa.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Barbosa.pdf). Acesso: 06 nov. 2022.
- DE LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi [org.]. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DEBERT, Guita Grin. “Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice”. In: DEBERT, Guita Grin. *Antropologia e Velhice – Textos Didáticos*, n.19, IFCH, 1998. Disponível em: <http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/td13-guita.pdf>. Acesso: 06 nov. 2022.
- DOURADO, Simone Pereira da Costa. “A pandemia de covid-19 e a conversão dos idosos em grupos de risco”. *Cadernos de Campo*, vol.29, USP. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/169970>. Acesso: 06 nov. 2022.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1939] 1994.
- FONSECA, André Dionei; SILVA, Silvio Lucas Alves da. “O neoliberalismo em tempos de pandemia: o governo Bolsonaro no contexto de crise da covid-19”. *Revista Ágora*, St. Cruz Sul, v.22, n.2, p. 58-75, jul.-dez., 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/15461>. Acesso: 06 nov. 2022.